

MITOS E PRECONCEITOS

28-03-97

[Muitos de nossos melhores agricultores já abandonaram o campo]

A agricultura é um tema sobre o qual praticamente todos têm opinião formada. Mais se está distante do assunto e mais convicção se é capaz de exhibir. Quanto maior é a desinformação, mais certeza se tem sobre alguma genérica asserção, cuja origem nem sempre é fácil localizar. Algumas dessas idéias são preconceitos tão verossímeis que passam a ser repetidas acriticamente por pessoas cultas e inteligentes, mas que não têm tempo para aprofundamentos. É o caso dos jornalistas, em geral, e dos columnistas, em particular. E em momentos nos quais a agricultura passa a contar com amplos espaços na mídia, como agora, sobe muito a taxa de crescimento desse agri-besteiro.

Outro dia, um excelente columnista soltou as seguintes frases: “*Claro que a distribuição de terra tem um papel a cumprir. Mas sabe-se que o caminho - talvez pouco luminoso - do campo é o da grande empresa e do trabalho assalariado.*” É necessário perdoá-lo, pois muita gente pensa assim. Talvez a maior parte da intelectualidade brasileira seja vítima desse mito. Todavia, quem tiver a oportunidade de examinar os fatos, logo perceberá que o caminho trilhado pelas nações mais desenvolvidas foi exatamente o inverso. Em todas as agriculturas do primeiro mundo, tanto a grande empresa, quanto o trabalho assalariado, tornaram-se verdadeiros apêndices de uma massa de estabelecimentos de médio porte tocados essencialmente pelo trabalho familiar. A tal ponto que grandes fazendas e assalariados agrícolas são ótimos indicadores de subdesenvolvimento. Na Europa é fácil achá-los em Portugal, Espanha ou Grécia. Mas é preciso muita paciência para localizá-los em França, Alemanha ou Grã-Bretanha. Na América do Norte, ainda são numerosos nas áreas próximas ao México, tornando-se cada vez mais raros à medida em que se sobe para o Canadá. No Japão e em suas ex-colônias será necessária uma lupa para descobrir assalariados agrícolas. Ou seja, a citada crença de que “*o caminho do campo é o da grande empresa e do trabalho assalariado*” só faz sentido se esse caminho for o caminho do subdesenvolvimento.

Outro columnista, tão ou mais respeitável, brindou-nos recentemente com dois outros mitos em um único período: “*A reforma agrária dos 90 será necessariamente anacrônica, do ponto de vista econômico-desenvolvimentista, ainda que necessária por motivos éticos e democráticos.*”

O primeiro mito é a crença de que haverá “*a reforma agrária dos 90*”. Basta que se examine os dados sobre qualquer reforma agrária realizada na época moderna para que se perceba o quanto é absurdo confundí-la com o programa de assentamento que têm sido possível por aqui. Em dois anos, e sem gastar um tostão, os japoneses transferiram mais de um terço da área agrícola do país a quatro milhões de famílias. Aqui, a legislação nos obriga a pagar indenização de R\$ 385 milhões pela desapropriação de um latifúndio que não vale mais do que R\$ 25 milhões. Em tal circunstância, é preciso fazer das tripas coração para conseguir o precário assentamento algumas dezenas de milhares de famílias por ano. Nem em conto da

carochinha isso seria chamado de reforma agrária.

O segundo mito contido na citada passagem está na oposição entre a necessidade ético-democrática de uma eventual reforma agrária e seus fundamentos econômico-desenvolvimentistas. É claro que, se fosse possível realizar uma reforma agrária no Brasil neste final de milênio, ela não teria o mesmo potencial impulsionador que se tivesse sido realizada até o fim dos anos 50 ou na primeira metade da década de 60. Até porque grande parte do capital humano da agricultura foi delapidado ou destruído nos últimos trinta ou quarenta anos. Muitos de nossos melhores agricultores já abandonaram o campo ou foram reduzidos a simples safristas. E aos que resisitiram não se oferece a formação profissional correspondente aos desafios do século XXI.

Mesmo assim, pensar que uma verdadeira reforma agrária não teria mais importância econômica - este é o mito - contraria a principal lição que se pode tirar das reformas agrárias bem sucedidas: nenhuma outra política governamental foi tão redistributiva. Até o Banco Mundial acabou reconhecendo esta vantagem especial da reforma agrária. Foi ela que transferiu aos agricultores taiwaneses o equivalente a 13% do PIB de 1952 e aumentou em 33% da renda per capita dos agricultores da Coreia do Sul. Ou seja, a idéia de que *“a reforma agrária será anacrônica, do ponto de vista econômico-desenvolvimentista”* só faz sentido para quem supõe que o Brasil poderá se desenvolver sem uma drástica desconcentração da riqueza. O pior é que essa suposição é muito comum, inclusive entre os que dizem e escrevem que são a favor da redução das desigualdades.